

NOV ÍS SIM OS

Cláudia Lyrio
Evandro Machado
Fernanda Sattamini
Fernando Soares
Henrique de França
Juliana Gretzinger
Marcus Duchén
Mariana Hermeto
Nicole Kouts
Thais Stoklos
Talita Tunala
Tangerina Bruno

NOV ÍS SIM OS

2019

NOV
ÍS
SIM
OS

Cláudia Lyrio
Evandro Machado
Fernanda Sattamini
Fernando Soares
Henrique de França
Juliana Gretzinger
Marcus Duchen
Mariana Hermeto
Nicole Kouts
Thais Stoklos
Talita Tunala
Tangerina Bruno

NOV
ÍS
SIM
OS

Galeria Ibeu
18/07 a 23/08/2019

1. A atmosfera da arte contemporânea é composta também pelo que se fala dela. A escrita contemporânea, nesse sentido, possui uma curiosa responsabilidade. Ela se distingue das asserções comuns irrefletidas sobre o que deveria ser uma obra de arte, esculturas bonitas e naturezas mortas, e apresenta o relato vivo de quem esteve disposto a ter a experiência que o artista montou. A escrita contemporânea sofre na linguagem o efeito da arte contemporânea e o manifesta. A mesma liberdade de meios é, ou poderia ser, explorada por quem se expressa sobre; a escrita se oferece para ser utilizada expandida. O texto pode ter elementos imagéticos preponderantes, veiculado a diversos suportes, é possível que retorne à fala como performance ou, convencionalmente, à parede branca.

2. À escrita contemporânea sobre arte contemporânea é passível conter pedaços informativos sobre o trabalho e o artista com os quais se mistura. Eles, apesar de importantes para dar localidade sobre trajetória, matéria e proposta, não podem ser preponderantes. O tipo de expressão que realiza é precedida pelo inicial estado de passividade, quase ao lado, como Aquiles e a Tartaruga. É derramada a primeira gota, como a Tartaruga, o artista sai primeiro. A quem escreve não cabe cobrir o sangue ou apostar corrida e sim correr depois / e nunca alcançar. Se há uma regra é a imobilidade, antes que a arte comece e se possa fazer uma arte depois. A escrita é desencadeada pelo esforço do outro. Daí é que nele se afunda, como quem é tragado para dentro da areia da ampulheta. Não se sabe bem para o que olha a Tartaruga, Aquiles dela não tira os olhos.

3. Assim, falar *sobre* e *como* são espécies do gênero falar *a partir*. *A partir* descreve aquilo que experimenta, menos para que se possa dar a encontrar um referente e mais para descobrir as palavras adequadas para aquilo que se sentiu. *A partir* interpreta o sentido do que assiste e oferece esse esforço como um facilitador para quem se coloca em posição parecida, ainda que não com tanta disposição, aprofundamento e ardil. *A partir* insere a situação, ou pelo menos o seu aroma, em uma nova narrativa que alegoriza

os pontos densos da experiência. *A partir* ainda permite que a escrita seja móbil para inventar um conceito, cujas partes sejam tomadas da iniciativa atentada. Se, por um lado, as obrigações da escrita contemporânea sobre arte acabam por torná-la pouco atraente ao jornalismo, elas oferecem ao leitor a possibilidade, por vezes arriscada, de ser colocado no centro de um furacão, ao qual só teria acesso depois de muito esforço de gosto e ambientação com diferentes ideias ou de simplesmente ter uma prova da criatividade operando em cumplicidade.

4. A escrita da qual falamos encontra seus principais recursos no ensaio; que por definição é crítico, não no sentido da simples posição do polegar, porém como rastro do gosto aprofundado. O ensaio é a escrita dos céticos, porque nele importa que a subjetividade de quem escreve se misture com o motivo que a desencadeia a dizer. ImproPRIAMENTE se diz do ensaio um gênero literário ou uma forma. A parte mais importante dele é que se trata de resultado, gênero ou forma, antecedido pela vontade expressiva. Nessa direção é que ele é bastante mais plástico do que outras práticas enunciativas. A poesia, a prosa poética, o aforismo, a narrativa etc. surgem do interesse pelo que não é de quem escreve, por isso se tornam ensaios. Apenas a disposição ao dois, ao três, que é conquistada internamente, por assim dizer, ao movimento causado pelo que é estranho, exterior, outro etc.

5. À escrita contemporânea é vedada a especialidade, nisso é ainda mais virtuosa do que vivendo *a partir*. Se ela encontra uma maneira de se compor com algo e começa a repetir a identidade, ora, está extinto o risco, e se inicia o virtuosismo. A literatura que se faz desde o contemporâneo não permite, salvo por impostura, ser o dono de um tipo de forma de vida. É-se dela, promiscuamente. A autoridade sobre o corpo, a violência, a terra etc., nada mais é do que esterilidade. Porque se o contemporâneo é apresentado como propriedade, ele cede ao compro ou não compro, quero ou não quero etc. A escrita, no contemporâneo, precisa sacrificar a autoridade. Ela é uma forma de testemunho.

Uma das riquezas inauguradas pela arte contemporânea concerne aos múltiplos recursos para se poder falar sobre ela. Os esforços para transportar à linguagem corrente os desafios que os artistas propõem à sociedade acabam por modificar até mesmo os modos como se faz literatura. Os artistas, seja em obras em que o texto é um dos componentes principais ou em iniciativas que interpelam a vocalização dos símbolos, acabam por forçar, expansivamente, os limites do mundo. Por isso, a edição de 2019 do salão Novíssimos é um desafio a diversos escritores que se dispõem a imergir na imaginação criadora e acrescentarem moléculas na atmosfera dos trabalhos contemporâneos. Algumas centenas de obras nos foram submetidas, como de costume, e as selecionadas foram anonimamente mostradas àqueles dispostos a se manifestarem, às suas próprias formas, sobre elas. O resultado pode ser visto nas escolhas de montagem e neste catálogo. Na vernissage serão apresentados, com emoção, os artistas aos seus respectivos escritores.

Marcus Duchen | *Leticia Tandeta*

Casa rosa
teto preto
onde estão seus aconchegos
céu azul cerca escura
A paisagem remoendo
remoendo
corajosa a braveza dos pensamentos

Mariana Hermeto | *Daniel Mano*

É possível, não sem certa dose de má-fé, ignorar a antinomia contida entre os imperativos da ação e do pensamento. Quantas não foram as grandes sínteses ensaiadas aonde quer que o engenho humano haja estendido sua *longa manus*? As mais fulgurantes dessas tentativas ocultam por trás de seu esplendor o patético irremediável, o patético absoluto e íntimo que assalta o espírito conciliador. Mais heroico é aquele que, como o monge de Baudelaire, se entrega a um dos imperativos, dispondo “en tableaux la sainte Verité”, convertendo em obra “du spectacle vivante de ma triste misère”. Vê-se, aqui, não o fulgor da síntese, tampouco a miséria em espetáculo, mas a irresolução bruta em ato, o fatalismo agudo da linha que separa a ação do pensamento.

Fernando Soares | *Jessica Di Chiara*

Um quadro em tensão. Deslocada de seu uso habitual na arte, o trabalho com a tela em “Força” remete a Lucio Fontana que, como pintor e escultor, marcou ou machucou a tela — suporte para a pintura — com seus instrumentos escultóricos por volta de 1950. Suas incisões abriram a pintura à espacialidade e à geometrização para além da representação pictórica. Contudo, em “Força” não se trata de pintura, e não é o pano, mas sim a borracha que compõe a matéria da tela esgarçada.

A borracha já foi um projeto de país: sinônimo ao mesmo tempo de colonialismo e industrialização, a primeira metade do século XX brasileiro foi marcada pelo Ciclo da Borracha e pela exploração de seringueiros no seio da floresta amazônica incentivada pelo Estado. O desenvolvimento de cidades da região norte como Manaus, Porto Velho e Belém estão relacionados a esse período de nossa história, em que cerca de 40% da economia nacional dependia da venda e exportação de látex. Material elástico e vigoroso, que produz flexibilidade e resistência — tensão. Que possibilita, tensionado, ver o rasgo, o risco, a fissura sem perder a forma: seria “Força” a expressão de algum dilaceramento?

Diante da obra é possível ensaiar uma leitura: a das telas de “Força” formarem alguma imagem de Brasil, tanto pela história quanto pelo uso do material. O corpo negro tensionado, a marca da exploração colonial e imperialista de mãos dadas com a fantasia do progresso moderno pela via industrial, o “rombo” exposto que, apesar de induzir a leitura pelo viés do fracasso, da obra que não se realiza com perfeição, também pode ser índice de saída. “Força” também como comentário das raízes do Brasil, como obra não miscigenada: preta e branca (a parede participando da construção de sentido). O recurso de enxergar não apenas a história do material, mas história nos materiais como uma espécie de fantasmagoria do sentido, aqui elástico.

Força, por fim, como uma palavra relacional: ação e reação, corpos dispostos um em relação ao outro: tiras de borracha horizontais tensionadas, forçadas por tiras de borracha verticais. Força sempre como jogo de forças, como problema, não como solução.

Cláudia Lyrio | *Letícia Tandeta*

nesse trabalho a artista nos avisa que desde q
chegaram aqui os 1os navegantes a natureza
segue firme na sua função de sustentáculo da
nossa mortal inutilidade
eu conto pra ela então que
as árvores morrem de pé

Talita Tunala | *Filippi Fernandes*

O que me morde molha. Os estiletos são tristes,
capazes a traços casmurros, contraídos. Eles
balançam de um lado para outro, tal qual
estivessem em posição fetal. As imagens como que
afundadas na superfície de um lago, com o vento
revirando a cabeleira das árvores - fantasmagorias
da meia-noite. Tristeza soviética.

O vermelho é ápice de um relevo esfalfado, gelo que
se vê ao topo do monte Fuji, fole que sopra a figura
para frente e adiante. O que me morde, portanto,
não chove. Protegido do vinco, satisfaz a pele ao
menor sofrimento, quando pulsa por cima
qualquer coisa que aquece e molha em gotas
isoladas, mas sem chover. A tempestade árdua dos
tempos desérticos e desacostumados, encosta em
suas fronteiras e fica até passar. O vermelho que me
tem à pele, fica batendo baixinho ao sangue. E a
tempestade passa a ser um acontecimento dentre
muitos.

Thais Stoklos | *Cesar Kiraly*

tenho certeza de que o pano precisa ser trocado de
tempos em tempos, se bem que o tom de
envelhecimento, decadência protegida, cai muito
bem, na combinação com a juventude eterna do
bronze ou sobre a forma da criança /// bailarina.
se goteja, só consigo pensar no abandono e na
degradação, como se o tempo passasse só para ele,
âmbar, não como tecido que sofre violência, na
dignidade da loja não reformada, funcionando
muito bem obrigado, mas como alguém que não se
vê há milênios & o reencontro é, contra todas as
chances, bom. se pudesse ver isso, nesse momento
de novidade e vigor, sentiria que é sempre igual,
tudo, menos ela mesma, a gota. ela é sempre
diferente.

Juliana Gretzinger | *Mariayne Cortes Nana*

Cada superfície
que transparece
guarda
dobraduras do mistério

Oráculo

Cavo espelhos,
dissolvo páginas
Circunscrevo-me
na escrita do mundo.

Evandro Machado | *Daniel Mano*

Há algo de enganoso no nome monólito,
“monolithós”, a pedra única dos gregos. O aspecto
mais óbvio e empírico: ele porta fraturas, há
sempre um corvo velado a comer o fígado de um
monólito. O aspecto menos óbvio: como asseverar a
unidade da pedra? Ao que parece, essa unidade
deriva de tessitura apurada da imaginação, ao
contato com a dignidade impávida do monólito. A
unidade é um tributo que prestamos a este alto
dignatário da natureza, é a sacralidade que,
comovidos, conferimos à sua humilhação de
Andrômeda maciça e sobranceira ante os assaltos
das ondas do tempo e do espaço.

Henrique de França | *Cesar Kiraly*

lembra que a promessa era por uma cópia em
película? chegamos em bando, muito animados, se
não éramos tão novos, estávamos novos em folha.
daí não era nada disso, nem qualidade aproximada.
ele, curiosamente, tirara os óculos & sentara na
primeira fila, deixando-nos para trás, acomodados
naquelas brilhantes porque barulhentas cadeiras
de braço de madeira e assento com tira de couro. a
explicação é que a experiência de ter um borrão
diante de si era superior a se permitir ver aquelas
imagens em qualidade que não é as dela. isso tudo
dito em instantes antes de começar o Resnais e seu
Marienbad. aquelas interrupções e ângulos de
sombrias se tornam um princípio de representação.
àquela época, eu ainda não sabia disso.

“O banquete está servido”, já dizia Mário Peixoto. No cardápio, uma dúzia de nomes. Inúteis, todos. Letras e números que se partiram na voz do tempo. Um manto de ausência estirado. Cadáver insepulto. Sobre ele, um dedo a digitar desejos que não calcam. Como ter expectativas do que não se marcou como corpo à voz do tempo? Porque toda a ação desempenhada na superfície deixa marcas, exceto na do vidro. Não há como marinar o que se faz ligeiro. No processo da escritura por intermédio de um vidro, mesmo cortando ao meio a vítima a que se refere o conteúdo da mensagem, nada muda. Porque a mensagem está isenta dos lastros. Porque a mensagem não se expressa senão pelo que informa e registra, n'algum chip eletrônico. Eis a memória do mundo.

As distâncias comprimem-se à sucessão de imagens, à imagem de uma imagem. Entretanto, para onde foi o torto lirismo do cadáver insepulto e a poesia que nele possa residir? A essência devorada pela imagem da essência. Os leitores postos em preguiça e já sem tempo para a complicitude e o silêncio. Tempo zero.

Fernanda Sattamini | *Mariayne Cortes Nana*

filete marítimo
na cadeia da escrita

página tornada areia

pingando,
espreito o caminho
necessário ao crescimento

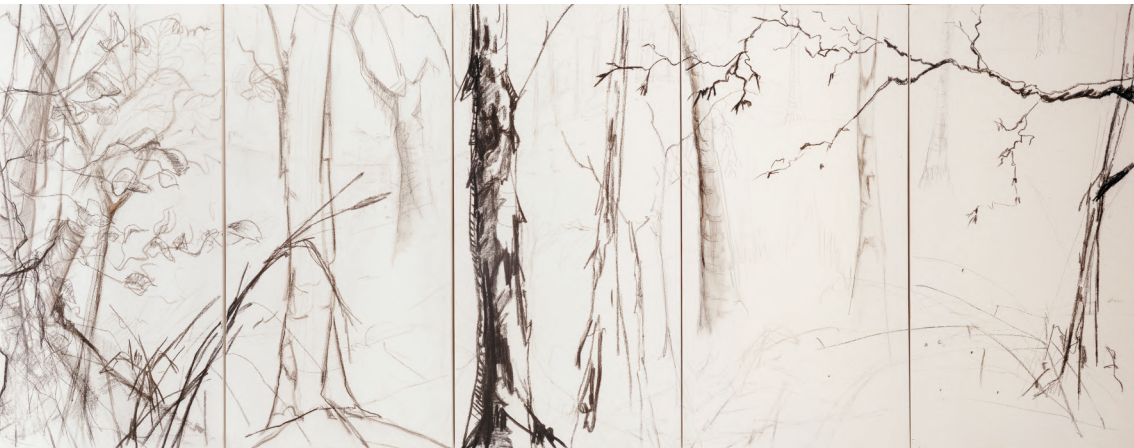
submeter o corpo ao perigo do mar

que a gota
escreva
sobre a palavra
o risco
da diluição

que o sal
conserva
do instante
apenas
o traço essencial.

Nenhuma imagem é a obra, numa obra como essa menos ainda. Se é possível ler a imagem da reprodução de uma pintura e a partir dela conhecer as figuras da tela e suas cores, a imagem de uma obra conceitual parece ser menos legível, já que esse tipo de obra pressupõe o estabelecimento de outras relações de recepção. Em “Para uma pintura” estamos diante de um objeto estranho à arte: quem imagina que um mostruário guardaria o registro fotográfico de ações e performances? A forma de mostruário em paleta parece aludir ao momento de cuidado com a casa: quando vamos escolher a cor da parede do quarto novo, ou o tipo de persiana que colocaremos na janela da sala, ou ainda de que cor e material serão o piso e o rodapé da cozinha. Como se cuidar da casa fosse deixar vestígios de quem somos, ou fosse desejo de produzir alterações em nossa identidade, carregando o ambiente e os materiais de impressões afetivas e subjetivas.

Os registros que vi de “Para uma pintura” são cenas domésticas, se passam em casa. O título do trabalho em relação com o objeto que nomeia produz um desconcerto: escolher a cena e não a cor e a tinta da pintura? O que faz ecoar como uma espécie de duplo do trabalho o tema da pintura de interior: pintar a cena privada e a vida doméstica, a pintura servindo, aí, como uma espécie de voyeurismo da intimidade alheia. A questão do duplo, então, pode ser uma estratégia de ler “Para uma pintura”. A partir da relação entre a pintura e a fotografia, a paleta de cor que manuseamos, em vez de guardar a cor da tinta, que é o material que compõe a imagem pictórica, guarda já a imagem pronta, fotografada. Nesse caso específico, saber que o trabalho é feito e concebido por duas duplas de artistas gêmeos intensifica a produção de sentido da obra - além do trabalho em dupla, a experiência de ser gêmeo é uma experiência de duplicidade. Duplicidade, não falsidade. Nesse sentido, o conceito faz diferença. O conceito do duplo retira da obra qualquer intenção moral e desierarquiza os valores. “Quem nasceu primeiro, a pintura ou a fotografia?” passa a ser uma pergunta desimportante para a vida da arte.

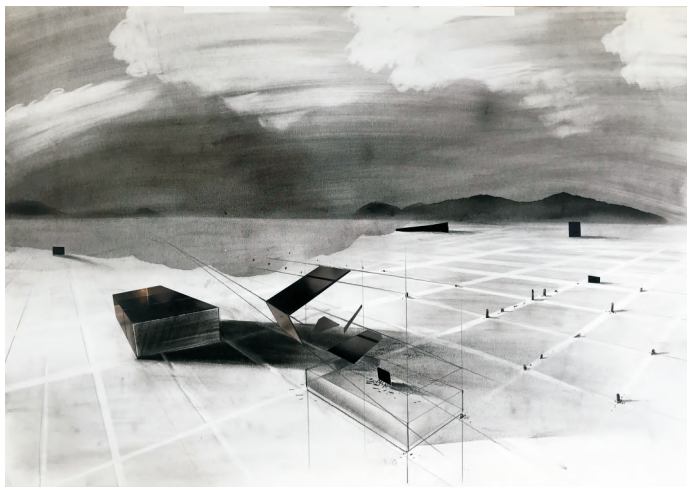
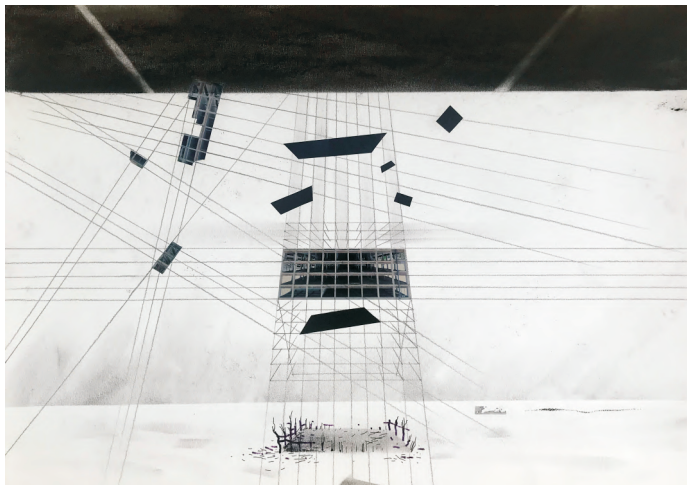


Cláudia Lyrio

Anteparo

Grafite, carvão e aquarela s/ tela
Políptico 56 x 140cm
(2019)

Cláudia Lyrio é natural do Rio de Janeiro, onde vive e trabalha. Sua pesquisa busca pensar o ciclo da vida, a natureza e seus elementos, tendo a pintura como linguagem. A artista tem seu interesse voltado para questões cromáticas, alquímicas, processo e artesanaria. Em seu trabalho, uma ideia de paisagem vem se deixando entrever através de diálogos com pensamentos de campos de cor, Land Art e com as pesquisas dos viajantes naturalistas. Distância, perda, deterioração e efemeridade são parte do seu vocabulário. Formação em Pintura e Letras (UFRJ), especializada em História da Arte (PUC-Rio) e Mestre em Literatura (UFRJ). Exposições: 2018: Luz Balão (Galeria Solar/RJ); Pessoas, Cidades e Afins (MARCO/MS); Aos Fios Entreguei o Horizonte (Galeria Hiato, Juiz de Fora/MG); 2017: Imersões (Casa França-Brasil/RJ), Além da Imagem (Sem Título Galeria, Fortaleza/CE), Miragens (CMAHO/RJ);. Salões: 2015 - Rio Claro; 2016 - Guarulhos e Vinhedo (Prêmio Aquisição Pintura); 2017 - Fortaleza. Artista selecionada para individual no Museu de Arte de Blumenau (SC) em 2019.



Evandro Machado

Grades Espaciais
Grafite, carvão e colagem s/ papel
Díptico, 120 x 42cm
(2018)

(Blumenau, SC, 1973) Vive e trabalha no Rio de Janeiro. Foi ilustrador e desenhista de HQ em Santa Catarina. No Rio de Janeiro, em 2007, frequentou a Escola de Artes Visuais do Parque Lage. Em 2006 fez a primeira viagem no Programa Dynamic Encounters. Em 2008, participou da Residência CAPACETE, no Rio de Janeiro. Em 2009, campanha da TV Futura, para a Organização Mundial de Saúde - Curadoria: Fernando Cochiarale. Recebeu bolsa de estudo no Parque Lage do Programa Aprofundamento em 2011 e Bolsa de Acompanhamento de Pesquisa em 2013. Seus trabalhos foram acompanhados por Luiz Ernesto, Livia Flores e Glória Ferreira.



Fernanda Sattamini

As ondas que nos separam

(série de 5 gravuras)

Grafite e água

do mar sobre papel

Edição: 1/1

(2019)

Fernanda Sattamini (1976) é artista visual, vive e trabalha no Rio de Janeiro. Sua produção explora processos experimentais e alternativos, transitando entre fotografia, gravura, escultura e objetos. Tomando como ponto de partida imagens apropriadas e suas próprias fotografias e anotações, a pesquisa que desenvolve aborda questões acerca da memória, saudade e solidão. Graduada em Publicidade e Marketing pela PUC-Rio, completou seus estudos na Escola de Artes Visuais do Parque Lage, Ateliê da Imagem e Escola sem Sítio, no Rio de Janeiro.

Fernando Soares



19, 2019

Série: Força

Borracha s/ chassi de madeira
40 x 30cm

18, 2019

Série: Força

Borracha s/ chassi de madeira
80 x 60cm

Fernando Soares nasceu em São Paulo em 1988, onde reside e trabalha. Seu trabalho discute a natureza pictórica da matéria em si, através de pinturas/objetos, colagens e instalações. Sua pesquisa parte das propriedades e/ou ambiguidades dos materiais que utiliza e fatores como ação e reação dos mesmos em seus trabalhos. Iniciou seus estudos e produções de maneira autodidata aos 17 anos, para posteriormente frequentar o Hermes Artes Visuais, onde ainda participa de elaborações de projetos e acompanhamento de sua produção. Participou de diversas exposições coletivas e individuais em galerias e espaços independentes, além de ser selecionado para salões e feiras de arte contemporânea.

Henrique de França



Lugar Comum #1
Lápis sobre papel
50 x 70cm
(2019)

Henrique de França (1982) nasceu e trabalha em São Paulo/SP. Formado em Artes Plásticas pela USJT e pós-graduado em Design Gráfico pela FAAP, já participou de diversas exposições no Brasil e no exterior, entre elas “No Barrier to Entry” na Gallery19 em Chicago, EUA (2018) e “Desenho Ocupado” na Galeria Leme, SP (2009). Entre suas exposições individuais destacam-se “Torpor” no Sesc Interlagos, SP (2016) e “Lugares Congruentes” no Carpe Diem Arte e Pesquisa em Lisboa, Portugal (2013). Seus trabalhos exploram as possibilidades de representação do imaginário latino-americano no tocante à sua história recente, sobrepondo memória individual e coletiva dentro do escopo do desenho contemporâneo figurativo.

Juliana Gretzinger

Divino Oráculo

Técnica mista

Dimensões variadas

(2019)



Juliana Gretzinger é formada em Práticas Artísticas Contemporâneas pela Escola de Artes Visuais do Parque Lage (2015) e em Produção Audiovisual pela Escola de Cinema Darcy Ribeiro (2017). Atualmente é estudante no curso de Artes Visuais da Escola de Belas Artes da UFRJ, exercendo função de pesquisadora bolsista no projeto PIBIAC Fotografia Contemporânea. Pesquisa a fotografia, a imagem digital e os efeitos da internet na sociedade contemporânea.

Marcus Duchen

Minas I

Óleo sobre madeira
110 x 80cm
(2018)

Minas II

Óleo sobre madeira
110 x 80cm
(2019)

O paulistano Marcus Duchen iniciou muito jovem sua trajetória pelas artes, com participações em projetos e campanhas como ilustrador, em São Paulo. Em 2001, já em Minas Gerais, se formou em Arquitetura e em 2004 fez sua primeira mostra coletiva, no grupo Poéticas Visuais no Instituto Moreira Salles, em Poços de Caldas. Depois veio a exposição individual por premiação no BDMG Cultural, em 2006, em Belo Horizonte; a coletiva no Espaço Cultural de Guarulhos, em 2008, em São Paulo, seguida de uma individual por premiação no Salão de Arte Contemporânea de Guarulhos, no mesmo ano. Outros prêmios vieram, como a menção honrosa no Salão de Arte Contemporânea de Arceburgo, Minas Gerais, em 2018, a seleção pela publicação de arte na Califórnia, EUA, Selah Magazine, no mesmo ano, e aprovação na galeria Art Lab Gallery, em São Paulo, entre outros. E 2018 também foi o ano em que Marcus teve obra incluída no Livro "Arte Sempre", coletânea dos artistas de Minas Gerais. Sua plataforma de expressão é o óleo sobre a madeira, em grandes painéis, que misturam, atualmente, o abstrato a instantâneos da vida, em traços imemoráveis de paisagens mineiras.



Mariana Hermeto

Sem título

Ferro, cerâmica, papelão e madeira
100 x 47 x 47cm
(2019)

Mariana Hermeto é designer e artista. Sua pesquisa se assenta no cotidiano e nas relações estabelecidas a partir dele. Numa procura por brechas e encaixes, através da contenção e da ruptura, do acúmulo e do vazio, há uma busca silenciosa pela resignificação do comum e pela construção de uma arquitetura íntima. Participou de exposições coletivas como “Formação e Deformação”, nas Cavalariças da EAV Parque Lage, em 2018; “Fixo, só o prego”, no Espaço Cultural Municipal Sérgio Porto, e “Doze métodos de se chegar a lugar algum”, no Paço Imperial, em 2019.





Nicole Kouts

Precisão e Experiência

Vídeo

9'59"

Cor, áudio, 16:9

(2017)

Graduada em Artes Visuais no Centro Universitário Belas Artes de São Paulo, desenvolve seus trabalhos de forma multidisciplinar nas linguagens da arte e tecnologia, do audiovisual, da imagem impressa e do desenho. Participou de exposições coletivas nacionais e internacionais, dentre elas a SP-Arte (São Paulo, 2018 e 2019), a MADA - 1ª Mostra Audiovisual do Barreiro (Belo Horizonte, 2018), Abstratas Moradas (Museu Belas Artes de São Paulo, 2018), a 1ª Bienal de Artes de Taubaté (Taubaté - SP, 2018) e a Cosmovisión Femenina (Cidade de Guatemala, 2018). Realizou cursos e oficinas com os artistas Paulo Bruscky, Lourenço Mutarelli, Carlos Fajardo, Márcia de Moraes, J. Borges, Helena Freddi, Augusto Sampaio e é assistente da artista Lia Chaia, importantes referências em sua pesquisa. Dedicar-se também à ilustração, figurino e cenografia, fantoches e à música.



Thais Stoklos

Gotas
Tules
96 x 110cm
(2018)

Nasceu em 1978 na África do Sul e reside em SP. É formada em Pedagogia (2000) pela PUC-SP e pós graduada em Imagem e Som pelo Senac (2005). Participou de residência artística em Londres na Slade School of Fine Arts (2016) e em Berlim, na Berlin Art Institute (2017). Participou do grupo de Acompanhamento de Projetos com Pedro França, no Mam (2015) e, atualmente, participa do grupo de Acompanhamento com Nino Cais, Carla Chaim e Marcelo Amorim, no Jardim do Hermes. Já expôs individualmente na Galeria Arte Formato e Arte Hall, e, coletivamente, em diversas galerias e salões. Foi ganhadora do prêmio do Salão Nacional de Artes no Mac de Jataí.



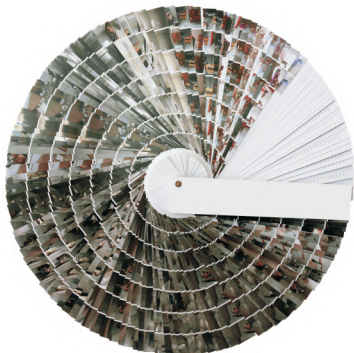
Talita Tunala

Água Forte

(detalhe da obra)

Políptico de desenho com estilete,
caneta nanquim e lápis de cor
sobre papel cartão
70 x 120cm (2018)

Vive e trabalha no Rio de Janeiro, graduada em Psicologia. Sua formação artística foi feita na EAV/RJ e na Escola Sem Sítio/RJ. Dentre as exposições que participou nos últimos três anos, destacam-se: Individual: 2019 - O Melhor Fruto - Espaço Cultural Correios em Niterói; Coletivas: 2018 - Aos Fios Entreguei o Horizonte, Galeria Hiato, Juiz de Fora ; A/Fronta/A, UNB, Brasília; Feminino Gabinete de Curiosidades, Museu Palácio Rio Negro, Petrópolis; Luz Balão na Galeria Solar, Rio de Janeiro; 2017 - 68º Salão de Abril Sequestrado, Salão das Ilusões, Fortaleza; Miragens, Centro Municipal de Arte Hélio Oiticica, Rio de Janeiro; Além da Imagem, Galeria Sem Título – Fortaleza; Imersões Poéticas, Casa França-Brasil – Rio de Janeiro.



Tangerina Bruno

Corpo encharcado de óleo
[Série Para Uma Pintura]

Revelação sobre papel fotográfico,
impressão sobre papel e parafuso
Aprox. 27,5 x 5,4 x 4cm
(2018)

(1993, Porto Ferreira - SP), Letícia e Cirillo são irmãos gêmeos e trabalham a quatro mãos e duas cabeças, da concepção à execução. Assinam com o seu sobrenome, Tangerina Bruno. Vivem e trabalham em Porto Ferreira - SP. Entre as exposições, destacam-se a Novas Aquisições 2012-2014 - Coleção Gilberto Chateaubriand no MAM Rio, Coletiva no Auroras, o 17º Programa Exposições no MARP, a 28ª Mostra de Arte da Juventude no Sesc Ribeirão Preto e salões como o 50º Salão de Arte Contemporânea de Piracicaba e o 25º Salão de Artes Plásticas de Praia Grande.

NOV ÍS SIM OS

INSTITUTO BRASIL-ESTADOS UNIDOS

Presidente Ibeu

Italo Mazzoni da Silva

Comissão Cultural do Ibeu

Carla Sigaud

Cesar Kiraly

Elisa Muradas

Julio Brau

Luiz Neves

Péricles Memória Filho

Thereza Christina Carvalho

Produção Executiva

Renata Pinheiro Machado

Curadoria

Cesar Kiraly

Assessoria de Imprensa

BriefCom Comunicação

Design

Rebeca Rasel

Montagem

Bia Gonçalves

Rebeca Rasel

Projeto de Iluminação

Rogério Emerson

Vídeo e som

Adelcio Fernandes



GALERIA DE ARTE IBEU

Rua Maria Angélica, 168

Jardim Botânico, Rio de Janeiro

Funcionamento: 2ª a 5ª, de 13h às 19h;

6ª, de 13h às 18h | Tel: (21) 3239-2863

<http://ibeugaleria.blogspot.com>



galeria
de arte
ibeu